

Ana Cristina Macário Lopes **

Um dos aspectos mais interessantes do provérbio é a sua dinâmica específica, consubstanciada na sua permanente flexibilidade de adequação contextual. De facto, o provérbio constitui um exemplo curioso de texto híbrido: *aberto*, na medida em que faculta um amplo leque de possibilidades interpretativas, consoante a situação concreta em que é utilizado; *fechado*, na medida em que transporta consigo uma interpretação-padrão estável, convencionalmente estabelecida e fixada pela tradição. É justamente devido a este último aspecto que os provérbios existentes se podem considerar textos estereotipados, na acepção de estereótipo defendida por Quasthoff :

the verbal expression of a belief which is directed towards social groups (...). This belief is characterized by a high degree of collective sharedness among a speech community (...) (1978: 6).

O autor assinala, mais adiante, que há uma forte vertente normativa associada aos estereótipos e que tais enunciados condensam o conhecimento dito senso comum ("common knowledge"); esse conhecimento alicerça as expectativas dos membros da comunidade e configura o contexto conversacional epistémico que fundamenta grande parte dos raciocínios inferenciais e esquemas argumentativos dos membros da comunidade. Mas se os provérbios são expressões do conhecimento comum, do conhecimento colectivamente partilhado, como explicar a sua ocorrência ou a sua citação no decurso de um processo de interacção verbal? Por outras palavras, se não comportam informação semântica nova, o que leva o falante a actualizá-los? Há ainda uma outra questão que se coloca quando centramos a análise no plano do uso efectivo deste tipo de texto, a saber: como poderemos compatibilizar a interpretação-padrão do provérbio com o seu potencial de adaptabilidade contextual, reflectido na pluralidade de leituras ou interpretações que autoriza, em função da situação concreta a que se aplica?

Para se captar o funcionamento pragmático típico do provérbio, é necessário adoptar uma estratégia de análise que focalize o uso efectivo do enunciado proverbial, inserido em processos diversos de interacção verbal. Importa, por conseguinte, analisar como funcionam os provérbios quando ocorrem em textos mais vastos, produzidos em determinados contextos comunicativos.

Neste trabalho, propomo-nos analisar provérbios contextualizados em textos da imprensa contemporânea. Trata-se de um *corpus* de reduzida extensão, constituído por textos da imprensa diária ou semanária contemporânea e inclui artigos de informação, crónicas, breves notícias sobre factos políticos, sociais ou desportivos. O

* O texto que a seguir se apresenta retoma, com algumas modificações e supressões, um fragmento do cap. 1 da 3ª parte da minha tese de doutoramento (inédita), intitulada *Texto proverbial português. Elementos para uma análise semântica e pragmática*, apresentada à Universidade de Coimbra em 1992.

** Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. 3049 Coimbra Codex. Portugal.

corpus ilustra a vitalidade do provérbio nos nossos dias e oferece-nos uma breve amostragem de alguns dos seus usos paradigmáticos.

Os provérbios que ocorrem neste *corpus* aparecem

a) em posição de destaque, como títulos ou subtítulos de artigos, crónicas ou breves notícias de carácter político-social;

b) no interior de *leads*;

c) inseridos no corpo desses mesmos artigos ou crónicas, por vezes em posição de remate conclusivo.

Quer apareçam em posição de destaque, quer no interior de *leads* ou de artigos, os provérbios podem ser integralmente citados ou parcialmente truncados e até distorcidos. Tentaremos desmontar essas distorções na perspectiva da sua eficácia comum cativa.

I. PROVÉRBIOS EM POSIÇÃO DE DESTAQUE

(i) *Santos da casa não fazem padroeiros*

Este título, que encabeça um artigo de M. Santos no *Público* de 2 de Julho de 1990, alude, transformando-o, ao provérbio *Santos da casa não fazem milagres*. A distorção do provérbio verifica-se a nível lexical, pela mera substituição de um item (“milagres”/“padroeiros”). O artigo refere a história dos sucessivos padroeiros do Porto, que não coincidem com os santos mais festejados da cidade. Parece-nos que o título anuncia de forma condensada o conteúdo global do artigo, sendo particularmente eficaz do ponto de vista informativo. Com efeito, de acordo com a teoria da informação, quanto maior for a previsibilidade de ocorrência de um sinal, tanto menor é o seu potencial informativo; ora, quando se inicia a leitura do título, gera-se uma expectativa de previsibilidade que é assegurada pelo facto de o provérbio pertencer à competência linguística-cultural da massa dos falantes da comunidade; a substituição lexical atrás referida quebra essa expectativa, introduzindo um elemento novo, que no entanto o leitor não consegue interpretar cabalmente. Deste modo, trata-se de fomentar a curiosidade do leitor, incitando-o à prossecução da leitura; o título só deixa de ser algo enigmático quando se conhece a globalidade do artigo, e, retrospectivamente, podemos considerar que ele funciona, de facto, como sumário do artigo.¹

¹ Como assinala Wotjak, “si la estructura morfosintáctica se ve cambiada, sea que se haya sustituido un componente de la UF (unidade fraseológica) por otra palabra, sea que se haya invertido el orden lineal de los componentes (...), el efecto estilístico comunicativo se basa en el hecho de que el usuario nativo (...) reconstituirá la IF ‘correcta’ soslayante o por lo menos se dará cuenta de que se está jugando con una UF parcialmente modificada, lo que basta para producir el efecto comunicativo deseado de un juego fraseológico

(ii) *Tal pai, tal filho*

Trata-se do título de uma crónica de E. Prado Coelho, publicada no jornal *Público* (2 de Julho 1990). Nesta crónica, Prado Coelho apresenta as ideias-chave do livro de E. Todd intitulado *L'Invention de l'Europe*. O título condensa cataforicamente, e num nível figurativo, a conclusão de Todd, que passamos a transcrever:

Entre 1965 e 1970, todos os indicadores estatísticos se alteraram, toda a estrutura social basculou. Por uma razão muito simples. Foi neste momento que as gerações nascidas depois da Segunda Guerra Mundial atingiram a idade adulta. Uma equação muito simples permite datar o arranque do ensino superior, a desindustrialização, a terciarização da economia, a queda da fecundidade, a extinção do catolicismo, a decomposição das ideologias: $1945+20=1965$. Esta geração e as que se seguem definem uma nova sociedade europeia: de alto nível cultural, terciária, indiferente à religião, desprendida da ideologia.

A geração de 1965 e as que se seguem têm, pois, na opinião de Todd, as mesmas características. No título, o provérbio condensa a mesma ideia-chave, já que a sua interpretação-padrão admite a paráfrase "os filhos são como os pais".

(iii) *Diz-me com quem andas...*

Numa crónica social do *Expresso* de 18 de Novembro de 1989, aparece como título esta citação truncada de um provérbio de tal modo banalizado pelo uso que qualquer elemento da comunidade activa de imediato a sua forma completa: *Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és*. Na crónica, o jornalista descreve a atitude de desconfiança de dois membros do C. D. S., de tendência "freitista", ao descobrirem, num restaurante lisboeta, um correligionário seu a almoçar com um grupo de outros centristas, publicamente reconhecidos como críticos relativamente a Freitas do Amaral.

Através da citação do provérbio, o jornalista comenta ironicamente a atitude dos dois elementos do C. D. S., dando a entender que procederam de acordo com o provérbio, extraindo ilações a partir das companhias. Mais do que resumir a situação que vai ser descrita, o provérbio comenta-a de forma conclusiva, na medida em que inscreve o comportamento de dois indivíduos específicos num padrão geral de raciocínio algo linear.

(iv) *Em Abril, inquéritos mil*

É este o título de um artigo publicado n' *O Independente* de 7 de Abril de 1989, onde se comentam os inquéritos parlamentares às actividades do Ministério da Saúde

más o menos original y eficiente empleado para llamar la atención del oyente al fenómeno descrito o para retener, fijar, almacenar el mensaje transmitido" (1988: 540).

liderado por L. Beleza, e se comenta a abertura de um inquérito à Comunicação Social. O título alude ao provérbio *Em Abril, águas mil*, transformando-o, tal como no exemplo precedente, através de uma mera substituição lexical (“águas”/“inquéritos”). É evidente que a alteração no plano do significante se repercute no plano do conteúdo. Assim, o título não actualiza a interpretação-padrão do provérbio subjacente, antes anuncia, de forma hiperbólica, o que vai ser desenvolvido no corpo do artigo. Por outro lado, a manutenção da estrutura binária do provérbio, cimentada pela preservação da rima interna, e a concomitante quebra da previsibilidade gerada pela substituição de um item lexical, são factores que actuam no sentido da captação do interesse do leitor, numa estratégia de eficácia perlocutória.

(v) *Amigos, amigos, perestroika à parte*

Trata-se do título de um artigo publicado n’O *Independente* de 7 de Abril 1989, sobre a visita de Gorbachev a Cuba. Uma vez mais, estamos perante um caso de modificação de um provérbio conhecido, *Amigos, amigos, negócios à parte*. A modificação consiste novamente numa substituição lexical, sendo mantida intacta a estrutura sintáctica e rítmica do provérbio. O título tem uma função catafórica, anunciando de forma resumida o que o corpo da notícia irá expandir. A modificação de um provérbio atestado funciona, como atrás já se disse, como um mecanismo de realce informativo.

(vi) *Uma cabeça e uma sentença*

Este título introduz um artigo de Clara Ferreira Alves, no *Expresso* de 11 de Março de 1989. Acrescente-se que o artigo começa da seguinte forma:

No *Expresso* como em toda a parte, cada cabeça sua sentença. Mas por uma causa justa e princípios de decência, até cabeças diferentes pensam da mesma maneira

O título alude ao provérbio que aparece integralmente citado logo no início do artigo. Como acontece com todos os títulos, que são, por definição, expressões marcadas que ocupam lugares estratégicos com uma função semântico-pragmática precisa, também este anuncia cataforicamente o tema que o artigo desenvolve: a sentença que pesa sobre a cabeça de Salmon Rushdie, pela publicação do livro *The Satanic Verses*. Note-se que a transformação operada provocou uma reliteralização integral do significado das unidades lexicais actualizadas, bloqueando a activação da interpretação-padrão do provérbio.

No corpo do artigo, a citação do provérbio deve ser entendida como asserção de uma assunção geralmente aceite como verdadeira. No entanto, o que interessa de facto à jornalista é introduzir uma peça num esquema argumentativo cujo objectivo central é refutar a validade da assunção proverbial. Ao introduzir o conector “mas”, a

na medida em que o título anuncia o tópico fundamental do artigo, comentando simultaneamente a atitude do poder de forma depreciativa (essencialmente através do traço avaliativo negativo contido no significado do lexema “loucas”). Parece-nos que este título sugere ainda um resposta contestatária à legislação sobre a matéria, pelo valor ilocutório directivo que implicitamente veicula (“façam-se orelhas louças a taxas loucas”).

(ix) *Mais vale só*

Truncado, o provérbio ocorre no remate de um *lead* publicado em *O Independente* de 22 de Setembro de 1989: “A partir de amanhã todos os sábados serão passados em companhia de Pisca-Pisca, um programa engraçado com que a RTP nos premeia. Às vezes mais vale só.”

Ao citar apenas a parte inicial do provérbio, deixando ao leitor a reconstituição do que ficou intencionalmente elidido, o jornalista comenta depreciativamente o novo programa da RTP. Trata-se de um avaliação negativa, na medida em que a adequação contextual do provérbio implica que se endosse ao programa televisivo o atributo “má companhia”.

(x) *De pequenino se torce o pepino*

Este provérbio inicia um *lead* publicado em *O Independente* de 20 de Outubro de 1989. O artigo relata a contratação do jogador de futebol João Pinto pelo Atlético de Madrid: “De pequenino se torce o pepino e assim João Pinto, ainda júnior, prepara-se para fazer as malas, voar até Madrid e jogar ao lado de Paulo Futre. O futebolista do Boavista é a mais jovem vedeta do pontapé na bola”.

A citação do provérbio permite ao jornalista sintetizar, por analogia e num registo metafórico, os factos que vão ser descritos pormenorizadamente no corpo do artigo, e que o próprio *lead* já anuncia.

(xi) *No melhor pano cai a nódoa*

Este é o sub-título de um artigo do *Público* de 27 de Maio de 1990, onde se analisa a situação do P. C. P. após o seu XIII congresso. O sub-título encabeça um fragmento do artigo onde se referem deficiências de organização no interior do partido, que terão motivado alguma desmobilização no período que se seguiu ao congresso. Tendo em conta os mitos tecidos em torno da eficiência da máquina comunista, tais deficiências aparecem aos olhos da opinião pública como pouco habituais. Por isso mesmo, a escolha do provérbio aparece como bastante pertinente. A activação da sua interpretação-padrão (“Mesmo as melhores entidades estão sujeitas a passar por situações negativas inesperadas”) anuncia cataforicamente o caso

que vai ser descrito, subsumindo-o numa asserção genérica; simultaneamente, a citação do provérbio permite ainda ao jornalista realizar de forma indirecta um comentário sobre esse caso concreto, comentário que tende a desmitificar a infalibilidade organizacional do PCP.

2. PROVÉRBIOS INSERIDOS NO CORPO DE TEXTOS DE IMPRENSA

(xii) *Palavra puxa palavra*

Num texto de José Saramago sobre o significado da queda do muro de Berlim, publicado no *Expresso* de 18 de Novembro de 1989, encontramos o provérbio acima transcrito, no seguinte contexto:

Finalmente (é bem certo que palavra puxa palavra), os partidos comunistas não deveriam considerar agora o seu nome de Comunistas como se também ele fosse um muro a derrubar: há algo de confrangedor e de patético nessa agitação onomástica (...)

Inserido numa estrutura parentética e introduzido pela expressão de modalização epistémica "é bem certo que", o provérbio funciona discursivamente como um comentário de Saramago sobre o poder multiplicador da palavra. Através de tal comentário, Saramago justifica concomitantemente a adição de uma reflexão final.

(xiii) *Olho por olho, dente por dente*

No *Expresso* de 30 de Setembro de 1989, num artigo de M. T. Guerreiro sobre o II congresso da UNITA, trancreve-se, a dada altura, uma intervenção de Savimbi que aponta para a necessidade de pôr termo à propaganda insultuosa relativamente ao líder do M. P. L. A.: "Essas coisas de são-tomense e fantoche que se acabem. Deixemo-nos de olho por olho, dente por dente". O provérbio, na sua interpretação-padrão e considerado isoladamente, constitui uma injunção à vingança; inserido neste contexto verbal, o provérbio funciona apenas como designação metafórica da vingança, correspondendo a intervenção de Savimbi a um apelo no sentido de se abandonar uma prática de retaliações verbais. Neste contexto, o provérbio perde, por conseguinte, o seu valor ilocutório directivo/ normativo e passa a funcionar como uma expressão referencial.

(xiv) *Bem prega...*

Numa pequena notícia publicada no *Expresso* de 14 de Outubro de 1989 sobre o julgamento do tele-evangelista norte-americano Jim Bakker, acusado de burla e desvio de fundos, o provérbio é citado no seguinte contexto: “Sobre o que há de vão e efémero nos bens terrenos terá muitas vezes falado ao seu público este ‘frei Tomás’ (como o do provérbio que diz ‘Bem prega...’)”. Explicitamente citado como provérbio, o texto aparece truncado, cabendo uma vez mais ao leitor a tarefa de reconstituir o que ficou implícito: “faça o que ele diz, não o que ele faz”. Por analogia, o jornalista compara o comportamento do evangelista ao de Frei Tomás, figura emblemática que no imaginário colectivo da nossa comunidade representa o incoerência absoluta entre discurso e actos. Através dessa analogia, o jornalista realiza indirectamente um comentário avaliativo negativo sobre a personagem em apreço.

(xv) *Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele*

Numa crónica de Mega Ferreira sobre a renúncia de Vítor Constâncio à chefia do P. S., publicado em *O Independente* de 18 de Novembro de 1988, é o próprio articulista que enuncia o valor discursivo do provérbio que cita: “Há uma frase popular que diz tudo o que esta crónica sustenta: ‘Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele’”. O provérbio funciona, por conseguinte, como remate conclusivo que sumaria o que atrás ficou dito. No entanto, é interessante verificar que M. Ferreira aproveita o provérbio para introduzir e motivar um comentário final, com o qual encerra a crónica: “Mas também é verdade que não há decepção maior do que descobrir o lobo na pele do cordeiro”. A asserção proverbial sugere contextualmente uma conclusão do tipo “Constâncio não deveria ter assumido o papel de político, se de facto rejeita a demagogia, arma privilegiada do combate político”. A asserção seguinte, introduzida por “mas”, implícita contextualmente (graças ao jogo metafórico entre “lobo” e “cordeiro”) que, contrariamente às aparências, Constâncio é um político como os outros, na acepção negativa do termo, e essa conclusão é apontada como causa de grande decepção. Os argumentos que apoiam esta conclusão algo inesperada foram desenvolvidos ao longo de todo o artigo: a espectacularidade da renúncia é a negação do modelo ético reiteradamente apregoado por Constâncio.

(xvi) *A bom entendedor...*

Remate de um artigo de opinião de Barros Moura, publicado no *Expresso* de 10 de Março de 1990. Neste artigo, Barros Moura rebate um artigo de A. Reis, refutando a tese central de que, face à crise dos países de Leste, deixou de haver espaço político para os partidos comunistas. Depois de apresentar um conjunto de argumentos que

apontam para a necessidade de refundamentar uma identidade comunista, conclui B. Moura: "Posto isto, num ponto estou de acordo com António Reis. Gorbatchov não chegou, para nós, suficientemente cedo. Para bom entendedor...". A citação do provérbio funciona como um convite ou apelo ao leitor no sentido de retirar todas as ilações do que atrás ficou dito. Parece-nos que se sugere implicitamente a reconstrução da premissa "se Gorbatchov (que metonimicamente designa aqui o novo corpo doutrinário da *perestroika* soviética) tivesse chegado mais cedo, ter-se-ia evitado a derrocada dos regimes do leste europeu."

(xvii) *Cada cabeça, cada sentença*

Num artigo publicado no *Expresso* de 14 de Outubro de 1989, onde se relata a situação política então vivida na Hungria, o provérbio aparece-nos no seguinte contexto:

No passado dia 27 de Setembro, estavam já formadas 23 organizações, algumas das quais sem qualquer representatividade. Hoje, é capaz de haver mais. Diz o povo que em cada cabeça há uma sentença e parece que o ditado se aplica inteiramente ao que se passa em Budapeste.

Verifica-se uma alteração formal do provérbio, que em nada altera a sua interpretação-padrão. Ao introduzir o provérbio no seu discurso, o jornalista invoca uma crença do senso comum para caracterizar uma situação, comentando-a à luz da sabedoria popular: o que se passa em Budapeste é um exemplo, uma instância episódica que confirma e exemplifica a asserção proverbial genérica e abstracta.

(xviii) *Pão, pão, queijo, queijo*

No *Diário de Coimbra* de 11 de Abril de 1989, num artigo sobre o Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Coimbra, o provérbio ocorre no seguinte contexto: "Luís estava em representação do Conselho Nacional de Arbitragem. Usando da palavra, apresentou-se tal qual é: 'pão, pão, queijo, queijo'". A citação do provérbio funciona pragmaticamente como uma explicitação da asserção anterior: por especificação contextual, deduzimos que o referido indivíduo falou frontalmente, sem iludir questões.

(xix) *Quem cala consente*

No *Diário de Coimbra* de 5 de Maio de 1989, na secção “Fala o leitor”, publica-se uma carta que constitui uma peça de uma polémica anterior sobre o património habitacional de Montemor-o-Velho. Diz a certa altura o autor da carta:

Não era minha intenção dar-lhe resposta. Mas como soe dizer-se “quem cala consente”, repensei a minha atitude e eis aqui o que, de momento, me apraz dizer-lhe com toda a delicadeza.

O provérbio deve aqui ser analisado como elemento de um esquema argumentativo. A primeira asserção — “Não era minha intenção dar-lhe resposta” — aponta para uma conclusão *r* — “tinha decidido calar-me”; ao introduzir a asserção “mas repensei a minha atitude”, o locutor implica contextualmente a conclusão *não-r* — “não vou calar-me”, e cita o provérbio para justificar a sua atitude. O provérbio é, assim, um argumento a favor de *não-r* (“não vou calar-me, porque quem cala consente”); por inferência, deduzimos uma informação suplementar não explícita, a saber, o autor do artigo não concorda com as posições defendidas pelo interlocutor.

3. OBSERVAÇÕES FINAIS

Na pequena amostragem de textos de imprensa analisados, verificámos que a utilização do provérbio releva da necessidade de convocar fragmentos discursivos que estão inscritos na memória do leitor e que, pela sua estrutura breve, pelas simetrias fónicas e rítmicas que geralmente apresentam, se tornam veículos privilegiados da captação da atenção. Encontrámos

a) provérbios citados sem distorções, introduzidos ou não por fórmulas do tipo: “diz o povo que”, “é bem certo que”. Quando estas fórmulas ocorrem, torna-se mais evidente o recurso ao argumento de autoridade. Incluímos nesta classe os provérbios truncados, ou seja, só parcialmente citados, mas que são automaticamente reconstituídos pelo leitor;

b) provérbios modificados, tendo em vista um incremento da expectativa do leitor, pela imprevisibilidade gerada. As modificações mais frequentes, no *corpus* analisado, correspondem a substituições lexicais, mantendo-se, regra geral, a estrutura sintáctica e os paralelismos fónicos típicos do provérbio matriz.

Do ponto de vista pragmático, detectámos as seguintes funções discursivas:

— em títulos e sub-títulos, prevalece a função de *resumo catafórico* daquilo que será explicitado no texto subsequente. Nestes casos, ao citar o provérbio, o locutor anuncia de forma condensada (por selecção e generalização de informação) o conteúdo global do texto que se propõe desenvolver. Frequentemente, notámos uma polivalência funcional do provérbio em posições de destaque. Assim, para além de desempenhar um papel quase diríamos retórico numa estratégia de abertura textual, a citação do provérbio corresponde também, em muitos casos, à realização indirecta de um comentário por parte do jornalista; generalizando inferencialmente a partir de

situações episódicas, o jornalista está automaticamente a "classificá-las" como instâncias típicas da situação-tipo descrita na asserção proverbial;

— inserido no final do artigo ou da crónica, o provérbio funciona como remate/comentário conclusivo ou *sumário anafórico* do texto anterior;³

— no interior dos artigos e crónicas, o provérbio funciona geralmente como *comentário avaliativo* do jornalista ou como *peça de um esquema argumentativo*, normalmente argumento a favor de uma determinada conclusão ou justificação de uma asserção anterior.

As funções detectadas podem agrupar-se em duas classes:

(i) as que relevam de uma análise das funções ilocutórias dos provérbios inseridos em sequências discursivas (incluímos neste grupo as funções de natureza argumentativa e os comentários avaliativos);

(ii) as que relevam de um plano de organização macro-textual (incluímos aqui as funções de sumário anafórico e resumo catafórico).

Quando se verifica uma distorção de provérbios atestados, essa distorção pode responder a uma intenção meramente lúdica, embora também se possa detectar uma intenção "militante" de subversão, quando, ironicamente, se desconstrói a sabedoria popular.⁴

BIBLIOGRAFIA CITADA

- CERQUIGLINI, J. e CERQUILIGNI, B. (1976), "L'écriture proverbiale", *Revue des Sciences Humaines*, vol. 41: 359-375.
- GRÉSILLON, A. e MAINGUENEAU, D. (1984), "Polyphonie, proverbe et détournement, ou un proverbe peut en cacher un autre", *Langages*, 73: 112-125.
- QUASTHOFF, U. (1978), "The uses of stereotype in every day argument", *Journal of Pragmatics*, 2: 1-48.
- MOESCLER, J. (1989), *Modélisation du dialogue. Représentation de l'inférence argumentative*, Paris, Hermès.
- WOTJAK, G. (1988), "Uso y abuso de unidades fraseológicas", in AA. VV., *Homenaje a A. Zamora*

³ Em Cerquiglini fala-se do provérbio "comme embrayeur et aiguilleur du discours" (1976: 366), e apontam-se os seus lugares privilegiados de inserção: na abertura do texto, como pré-texto, e no fechamento, como comentário do autor.

⁴ Em Grésillon e Maingueneau (1984) encontram-se exemplos paradigmáticos da "parasitagem" de provérbios atestados tendo em vista a subversão de uma determinada visão do mundo. Num texto de J. Bravo publicado no *Jornal de Coimbra* de 1 de Novembro de 89, encontramos uma série de exemplos de distorção de provérbios atestados. Trata-se de um texto humorístico que se propõe reconstituir um rifoneiro eleitoral: distorcem-se as condições genéricas da enunciação proverbial, o que redundará num pastiche ou numa paródia do próprio género proverbial. Vejamos alguns exemplos:

"Mais vale um P. R. D. na mão que dois M. D. P.'s a voar."

"Quem dá aos pobres empresta ao Manuel de Oliveira."

"Ao militante e ao do tacho põe o poder a mão por baixo."

"Quem a bom partido se chega boa sombra o cobre."

Vicente, Madrid, Castalia: 535-548.

RESUMO

O trabalho aqui apresentado pretende contribuir para o estudo das funções discursivas do provérbio inserido em textos da imprensa portuguesa contemporânea. Assim, o provérbio funciona frequentemente como peça de um esquema argumentativo, quer como argumento a favor de uma tese, quer como justificação de uma conclusão. Noutros contextos, o provérbio funciona como comentário avaliativo por parte do jornalista. Detectou-se ainda uma função macro-discursiva ou de organização textual: em títulos e sub-títulos prevalece a função de resumo catafórico do texto subsequente; no final do artigo ou da crónica, o provérbio funciona predominantemente como remate conclusivo ou sumário anafórico do texto anterior.

ABSTRACT

This paper's intention is to contribute to the study of discursive functions of proverbs when inserted in texts appearing in Portuguese contemporary press. It was noted that proverbs often function as a tool in an argumentative scheme, be it as an argument in favour of a certain thesis, or else as the justification for a statement. In other contexts proverbs function as an opinion from the journalist himself. We have also detected a macro-discursive (or text-organising) function: in titles and sub-titles, the prevailing function of proverbs is that of a cataphoric resumé of the text to follow; at the end of an article or chronicle, a proverb functions dominantly as a conclusive sentence or as an anaphoric summary of the text preceding it.